

Relevância e ensino de segunda língua: Considerações sobre ordem canônica versus ordem pragmática

FERNANDO NAIDITCH

PUCRS (Brasil)

Dentro da multiplicidade de fatores envolvidos na aquisição da ordem frasal canônica em língua inglesa por aprendizes falantes de português brasileiro, destacarei, neste estudo, a influência de fatores pragmáticos. Discutirei a transferência da ordem frasal pragmática do português para a interlíngua desses aprendizes. Entendemos por interlíngua o conhecimento sistemático do aprendiz de uma segunda língua (L2) que é independente de sua língua materna (L1) e da língua-alvo, a L2, sendo assim um tipo de linguagem produzida no processo de aprendizagem da L2. O fenômeno conhecido como transferência (ou interferência) refere-se ao uso de padrões ou regras da língua materna do aprendiz em sua produção na L2. Tal uso pode levar ao erro ou a uma forma inapropriada na L2.

As línguas do mundo diferem não só na forma como ordenam os constituintes frasais, mas também na rigidez com que ordenam esses elementos. Outro fator de diferenciação é a variação entre os elementos dentro da ordem frasal básica de uma língua: sujeito, verbo e objeto.

Ao aprender uma L2, um aprendiz precisa descobrir se há uma ordem frasal predominante, qual é esta ordem e qual sua rigidez. Se a ordem em uma dada língua não for rígida, ele necessita ainda descobrir quais os fatores que determinam a ordenação dos constituintes de uma sentença.

A tendência das línguas na hora de dar preferência aos diferentes constituintes frasais nos permite reconhecer neste estudo dois padrões: línguas cuja ordem canônica SVO é rígida e a preferência, portanto, é dada ao sujeito e línguas cuja ordem canônica SVO não é rígida e a preferência pode ser dada não só ao sujeito, mas também ao tópico. A língua inglesa é exemplo do primeiro caso e a portuguesa, do segundo. Esta distinção nos permite a partir de agora levar essa discussão entre ordem frasal gramatical (ou sintática) e ordem frasal pragmática.

Esta tendência do aprendiz brasileiro em violar a ordem canônica do inglês em sua interlíngua está relacionada, portanto, com a propensão existente no português brasileiro em alterar a ordem dos constituintes frasais. É importante salientar, porém, que os contextos em que o aprendiz brasileiro manifesta uma ordem canônica não permitida no inglês não evidenciam transferência da ordem canônica do português, e sim da liberdade existente no português em alternar seus constituintes frasais.

Foram dois os padrões encontrados em nossos dados de inglês como L2. O primeiro foi a construção XVS, em que X representa ou um conjunto vazio (*X are studying the students) ou um outro constituinte frasal que não S, V ou O (*now is arriving everybody in class). O segundo foi a construção de tópico (*My father, he is very tall).

Assumi como pressuposto teórico neste trabalho a teoria pragmática de Sperber e Wilson (1986). Para eles, a existência de um sistema central cognitivo descrito como a junção de um fato manifesto e um ambiente cognitivo é que determina o princípio da relevância.

Disso deduz-se que há dois módulos do sistema cognitivo que interferem diretamente na aquisição da L2: o módulo da linguagem e o módulo do pensamento. O módulo da linguagem estaria

mais diretamente relacionado aos aspectos formais/gramaticais na aquisição de uma língua enquanto o módulo do pensamento relacionaria-se aos aspectos pragmáticos. Dito isto, voltemos ao fenômeno em discussão, a transferência da ordem frasal. A ordem frasal é um fato sintático e, portanto, pertence ao módulo da linguagem. A transferência de uma provável variação de ordem frasal, por ser uma variação de cunho pragmático, pertence ao módulo do pensamento.

Como o princípio da relevância é um princípio geral cognitivo, compreendemos que ele opera não só sobre o módulo do pensamento, mas também sobre o da linguagem, mais especificamente sobre o sistema lingüístico enquanto regras.

Dentro desta visão, podemos compreender a questão da transferência da ordem frasal pragmática como uma tentativa do aprendiz de ser relevante na L2, isto é, o aprendiz busca sempre ambientes cognitivos que sejam relevantes e ser relevante na L2 é, inicialmente, adotar os padrões pragmáticos relevantes de sua L1 e estendê-los no uso que ele faz da L2 até chegar o momento em que o módulo da linguagem já possa fazer parte do ambiente cognitivo deste aprendiz.

Este momento chegará quando os aspectos interculturais fizerem parte do conhecimento mútuo dos interlocutores (sejam eles professor-aluno, aluno-aluno ou aluno-falantes de inglês como L1 ou L2).

Portanto, esta questão que tem preocupado professores de inglês como L2 deverá levar a, se o que foi dito for verdadeiro, um outro tipo de investigação: Como desenvolver estratégias de ensino que otimizem os aspectos pragmáticos de maior relevância para a língua que se está adquirindo?

Uma comunicação lingüística bem sucedida se dá quando o ouvinte reconhece as intenções comunicativas do falante. Se é verdade que a comunicação lingüística não é autônoma, é verdade também que ela depende de uma variedade de processos inferenciais e que falante e ouvinte compartilham um sistema de estratégias inferenciais.

Para Sperber e Wilson, a teoria da relevância contém uma forma de determinar como fazemos inferências baseados numa combinação do que já sabemos (a informação velha) com o que estamos recebendo (a nova informação):

«Quando estas novas e velhas informações interconectadas são usadas juntas como premissas num processo inferencial, nova informação pode ser derivada; informação esta que não poderia ter sido inferida sem esta combinação de premissas velhas e novas. Quando o processamento da nova informação gera tal efeito multiplicador, nós o chamamos relevante. Quanto maior o efeito multiplicador, maior a relevância... Nosso argumento é que todos os seres humanos automaticamente objetivam o mais eficiente processamento de informação possível. Isto é verdadeiro quer eles estejam conscientes do processo ou não. Na verdade, os mais variados e cambiáveis interesses conscientes dos indivíduos resultam da busca deste permanente objetivo de condições de mudança. Em outras palavras, o objetivo cognitivo particular de um indivíduo num dado momento é sempre uma instância de um objetivo mais geral: maximizar a relevância da informação processada... Este é um fator crucial na interação humana... Processamento de informação envolve esforço e ele só ocorrerá na expectativa de alguma recompensa. Não há, portanto, razão alguma em chamar a atenção de alguém para um fenômeno (através de comunicação humana intencional) a menos que ele seja relevante o suficiente para valer a atenção dispensada.» (S&W, 1986, pp.47-49)

Como podemos ver, o princípio da relevância é uma parte inevitável da comunicação humana intencional, isto é, nós não podemos escolher se queremos seguí-lo ou não. O que nós escolhemos como falantes, é o que acreditamos ser relevante com base em nossa compreensão do contexto social e cognitivo de nosso ouvinte. Da mesma forma, como ouvintes nós utilizamos o princípio da relevância para retirar os mais significantes e multiplicativos significados possíveis utilizando a nova informação recebida juntamente com a velha informação em uma variedade de processos inferenciais.

Para a teoria da relevância, a comunicação lingüística reside em alargar ambientes cognitivos mútuos e não em duplicar pensamentos. Até porque duplicação não pode existir já que duas pessoas não têm a mesma representação do mundo, nem as mesmas experiências ou intenções. Maximizar a relevância é evitar a duplicação.

Bem, mas e como tudo o que foi dito encontra respaldo no ensino de línguas comunicativo? Começemos com aquele que se tornou o slogan do ensino de línguas comunicativo: comunicar idéias é mais importante que comunicar estruturas. Para o ensino de línguas comunicativo, o significado é soberano. Algumas de suas principais características, descritas por Finocchiaro e Brumfit (1983), incluem contextualização, competência comunicativa (habilidade de usar o sistema lingüístico de forma efetiva e apropriada), a língua sendo construída pelo aprendiz através de tentativa-erro, a aprendizagem via processo de esforço para comunicar, a fluência e o uso de língua como primeiro objetivo e a acurácia sendo julgada em contexto.

Tais características já demonstram a relação do ensino de línguas comunicativo com o Princípio da Relevância, o que nos permite concluir que este já opera com a máxima da Relevância. Na situação de ensino da segunda língua, há uma tentativa tanto do aprendiz como do professor à maximização deste princípio. A violação do padrão de ordem frasal básica do inglês (SVO) e a conseqüente utilização da ordem frasal pragmática do português (XVS ou Tóp, SVO) caracterizam esta tentativa do aprendiz em ser relevante na L2 utilizando padrões presentes na sua L1.

Tendo compreendido o motivo da transferência pragmática operada pelo aprendiz no processo da aquisição da L2, resta ao professor decidir como trabalhar esta questão em sala de aula. O primeiro recurso de que se vale um professor é sempre o da correção. Neste caso, porém, a correção ou a reiteração desta correção acabam operando negativamente sobre o aprendiz dada a própria definição de relevância. Isto acontece porque tanto o aprendiz como seu professor partem do princípio da cooperação. Este princípio descrito por Grice (1975) prevê como guia da interação conversacional contribuições apropriadas pelos interlocutores. Tomando como referência o fato de que falante e ouvinte contribuem cooperativamente na interação conversacional, temos mais uma evidência de que a maximização da relevância dirige, de certa forma, o ato de aquisição da segunda língua. Um professor ou um falante nativo de inglês, quando em interação como um aprendiz de inglês, coopera para que a desobediência aos padrões gramaticais da língua inglesa não prejudiquem a compreensão ou o ato de comunicação como um todo. O princípio da cooperação, bem como o da relevância, faz com que o módulo do pensamento seja mais importante que o da linguagem. Estes dois princípios encontram respaldo no ensino de línguas comunicativo que prevê a maximização da informação relevante. O módulo do pensamento é priorizado na intenção comunicativa do aprendiz. O módulo da linguagem não é ignorado. Ele será também relevante uma vez que o aprendiz já consiga informar e comunicar na L2. O módulo da linguagem é construído a partir do módulo do pensamento para que em estágios posteriores de aquisição o aprendiz consiga operar com os dois módulos concomitantemente.

REFERÊNCIAS

- Finocchiaro, M.; Brumfit, C. 1983. *The functional-notional approach: from theory to practice*. New York, Oxford University Press.
- Grice, H. P. 1975. Logic and Conversation. In P. Cole, J. Morgan eds. *Syntax and Semantics, 3, Speech Acts*. New York, Academic Press, 41-58.
- Sperber, D.; Wilson, D. 1986. *Relevance: communication and cognition*. Oxford, Basil Blackwell.